



Intervenção do Ministro da Educação, Ciência e Inovação, Fernando Alexandre, na sessão de abertura do Encontro Ciência 2024

Alfândega do Porto, 3 de julho de 2024

Senhor Vice-Presidente da Câmara Municipal do Porto, engenheiro Filipe Araújo

Senhora Secretária de Estado da Ciência, professora doutora Ana Paiva,

Senhora Presidente da Fundação para a Ciência e Tecnologia, professora doutora Madalena Alves,

Senhora Presidente da Agência Nacional da Cultura Científica, doutora Rosalía Vargas,

Senhor Vice-Reitor da Universidade do Porto, professor doutor Pedro Rodrigues,

Senhora Comissária do Encontro de Ciência 2024, professora doutora Salomé Pinho,

Caras Investigadoras e Investigadores,

O mundo tem-se vindo a tornar cada vez mais complexo e difícil de decifrar. As relações de interdependência entre o Global e o Local, entre o Macro e o Micro, ou como o tema da edição do Encontro de Ciência de 2024 bem ilustra, entre a saúde do planeta e a saúde das pessoas, exige novas abordagens da ciência e dos processos da inovação.

Até à pandemia tinha-se vindo a acentuar uma dicotomia entre os tecno-otimistas e os tecno-pessimistas. Durante séculos a Educação, a Ciência e a Inovação tinham sido os motores de transformação e do progresso da Humanidade.

Apesar de muitos efeitos negativos, os níveis de bem-estar foram aumentando e foram-se alargando a porções cada vez mais alargadas da população mundial. No entanto, no século XXI, sobretudo nos países mais desenvolvidos do hemisfério Norte, foram surgindo sinais de estagnação em muito indicadores dos níveis de bem-estar.

Para os tecno-pessimistas, a capacidade da Ciência e da Inovação melhorarem a Humanidade estava diminuída. Por um lado, se era verdade que a Ciência continuava a

avançar, desbravando territórios desconhecidos, os problemas eram também cada vez mais complexos. Por outro lado, estudos empíricos mostravam a existência de rendimentos marginais decrescentes na geração de novo conhecimento, isto é, tornou-se necessário aumentar cada vez mais o investimento e os recursos para a investigação alcançar resultados similares.

O papel decisivo da Ciência e da Inovação no combate à pandemia Covid-19 veio reforçar a posição do ‘*team* tecno-otimista’. A rápida descoberta da vacina para o coronavírus, usando uma tecnologia inovadora, que mostrou mais uma vez a complementaridade entre a investigação fundamental e a investigação aplicada, permitiu salvar milhões de vidas e que retomássemos as nossas rotinas, num período que ninguém antecipava que pudesse ser tão rápido. Poucas inovações tiveram um impacto económico comparável ao da vacina contra a Covid-19.

Os resultados no domínio da Inteligência Artificial vieram também confirmar os progressos da Ciência e da Inovação e do seu potencial de transformação do mundo.

Assim, num mundo cada vez mais complexo e em acelerada mudança tecnológica, a Ciência e a Inovação são cada vez mais relevantes.

Num contexto geopolítico em que a Europa sente a sua relevância ameaçada, a União Europeia tem vindo a dar cada vez mais importância à Ciência e Inovação.

Por essa razão, e não surpreendentemente, o Relatório Letta da Comissão Europeia sobre o mercado único, tem como grande novidade a proposta duma Quinta Liberdade para a área da Investigação, Educação e Inovação. A Comissão Europeia reconhece que um verdadeiro espaço comum europeu, que permita tornar a Europa mais coesa e competitiva, tem de somar à liberdade de circulação de pessoas, de mercadorias, de serviços e de capitais, uma Quinta Liberdade. Uma Liberdade que permita criar um grande espaço europeu na área da Investigação, Educação e Inovação.

Portugal tem de participar de forma ainda mais ativa na criação desse espaço comum, que vai ser decisivo para o futuro da Europa e para o lugar de Portugal nesse futuro.

A capacidade do nosso Sistema Científico e Tecnológico estar na linha da frente das grandes agendas de investigação e inovação europeias vai ser decisiva para o futuro do nosso País. Portugal nunca conseguirá pertencer ao grupo das economias mais avançadas da União Europeia sem que tenha instituições do sistema científico e tecnológico entre as melhores.

A participação em redes europeias e parcerias internacionais, como aquelas que temos já com universidades americanas, são essenciais para que a nossa investigação e inovação possam estar na linha da frente. No entanto, é necessário repensar essas parcerias, tendo o cuidado de garantir um alinhamento das novas agendas europeias com a estratégia nacional e com as estratégias regionais. É cada vez mais fundamental esse alinhamento. O alinhamento com as agendas europeias, a estratégia nacional, as estratégias regionais, as agendas europeias, sob pena de nenhum dos instrumentos que existem nos diferentes níveis serem eficazes, terem o impacto que esperamos.

O benefício que retiramos das parcerias internacionais depende, sobretudo, da nossa capacidade de iniciativa e interação com essas instituições. Há hoje um reconhecimento pelas principais instituições internacionais, incluindo aquelas com quem já trabalhamos, da elevada qualidade dos nossos investigadores e dos nossos estudantes. Temos de conseguir aproveitar estas parcerias, em particular com as universidades dos Estados Unidos, para fortalecer a nossa posição no sistema científico e tecnológico europeu.

Mais uma vez, aquilo que é relevante é como atuamos dentro das parcerias. As parcerias existem e foram criadas num contexto muito diferente daquele que hoje existe e obviamente têm de ser repensadas. O nosso sistema científico e tecnológico é muito diferente do que era há quinze anos, o mundo mudou muito e temos de estar atentos às mudanças do mundo.

Mas só vamos conseguir alcançar estes objetivos se Portugal se tornar um País atrativo para os investigadores.



Temos de cuidar do contexto institucional em que os nossos investigadores desenvolvem a sua atividade, criando ambientes estáveis e reduzindo a precariedade, para atrair os melhores investigadores.

Por essa razão, uma das prioridades do Governo é a aprovação de um novo Estatuto da Carreira de Investigação Científica. Os trabalhos nesse diploma, que estão a ser liderados pela Sra. Secretária de Estado da Ciência, Ana Paiva, estão em curso. Foram já ouvidos os sindicatos, o CRUP, o CCISP, a ANICT, e estamos a ouvir os partidos políticos com representação parlamentar. Temos já, as próximas reuniões marcadas para o próximo, dia 24 de julho, com os sindicatos do Ensino Superior, para podermos aprovar em setembro o diploma em Conselho de Ministros e levá-lo ao Parlamento para discussão e aprovação.

Nos próximos meses teremos 1000 investigadores a entrar na carreira de investigação. É essencial que conheçam a carreira em que vão ingressar. Na nossa proposta do Estatuto da Carreira de Investigação Científica procuramos seguir os princípios orientadores da *European Framework* para atrair investigação, inovação e talento empreendedor na Europa, promovendo a estabilidade e o mérito, definindo as funções do investigador de uma forma bastante abrangente e flexível e que favoreça a mobilidade intercarreiras e intersetores.

Ao nível das Instituições do Sistema Científico e Tecnológico consideramos essencial reforçar a sua autonomia, garantindo estabilidade e previsibilidade à sua gestão, permitindo que se foquem no médio e longo prazo.

Em Portugal, durante muito tempo estivemos concentrados em resolver problemas de curto prazo, e deixamos de pensar no futuro. Mas se há instituições que têm a obrigação de pensar o futuro são as instituições do sistema científico e tecnológico, são as instituições de Ensino Superior.

Mas infelizmente também estas instituições perdem muito tempo em problemas de curto prazo. Eu vou dar um exemplo prático. No meu e-mail, hoje de manhã, tinha uma dezena de pedidos de instituições de Ensino Superior de mobilidade intercarreiras, ou seja, dentro das instituições, o Ministro tem de aprovar a mobilidade dentro das



carreiras de cada instituição, e isto só tem um nome: é ridículo. É ridículo. O meu Secretário-Geral, diz-me que são cerca de quatrocentas por ano, portanto é abrir um PDF, assinar – enviar –, mas é ridículo que um Ministro faça isso. Há coisas mais importantes para o Ministro fazer. E há certamente coisas muito mais importantes para os dirigentes das instituições fazerem.

Por isso, para que se foquem naquilo que é o seu papel, a médio e longo prazo, e para que se protejam destas flutuações de curto prazo, em que todos os anos, as instituições de Ensino Superior passam semanas, meses, a discutir qual é o impacto da Lei do Orçamento, estamos a trabalhar numa proposta de Decreto-Lei que pretende isolar as Universidades e Institutos Politécnicos das alterações de curto prazo, que serão sempre neutras para as instituições.

Isto é, a situação orçamental da instituição não pode depender da decisão do Governo de aumentar a massa salarial, em 2, 3 ou 4 por cento. Se as instituições não tiverem essa previsibilidade e estabilidade orçamental, obviamente, também não vão ter uma verdadeira autonomia para poderem prosseguir uma estratégia de médio e longo prazo. Em breve, apresentaremos uma proposta ao CRUP e ao CCISP, e depois de os ter ouvido, sobre quais eram as restrições sobre a sua atividade, que resultavam de uma restrição da sua autonomia, e estamos a verter isso, num Decreto-Lei, para apresentar ao CRUP e ao CCISP.

O financiamento de médio e longo prazo deve estar sempre enquadrado por um plano estratégico, que deve incluir parceiros internacionais, nacionais e regionais, públicos e privados.

Também a Fundação para a Ciência e Tecnologia tem de ser mais previsível na sua atividade, que é fundamental para a Ciência em Portugal. Tem de ser mais previsível nos prazos de abertura de concursos e na publicação de resultados. A FCT tem de ser mais previsível no pagamento às instituições do sistema científico e tecnológico, que veem a sua atividade prejudicada, pelos atrasos que existem na FCT, e já agora como também está aqui, o presidente da Agência Nacional para a Inovação, também da ANI, e isso não pode acontecer. Nós não podemos limitar a atividade das instituições porque há atrasos nos pagamentos e, mais uma vez, da minha parte eu farei tudo o que



for necessário para que os meios não faltem, mas vocês têm de fazer a vossa. Temos de fazer isto em conjunto para que isso não aconteça, e que não é aceitável ter os volumes de dívida que temos. E, portanto, temos de garantir essas condições e estamos muito e comprometidos em garantir essas condições.

Em 2021, eu coordenei um estudo para a Fundação Francisco Manuel dos Santos, o 'Do Made In ao Created In: um novo paradigma para a economia portuguesa', que juntou dezenas de investigadores portugueses e internacionais, de instituições portuguesas e instituições internacionais. A ideia nessa altura era que nós só podemos mudar a nossa economia, se tivermos qualificação de recursos humanos e ciência de primeira. É impensável, pensar estarmos nas economias mais avançadas do mundo, se não tivermos instituições entre as mais avançadas do mundo. Nós continuamos a estar muito longe.

Esse estudo o que dizia era que precisamos de qualificação de recursos humanos, produção de Ciência e conhecimento de qualidade. E que depois a capacidade de conseguir que esse conhecimento, seja valorizado. Ou seja, implica um olhar atento, da sociedade, das empresas, das organizações estão atentas àquilo que se passa dentro das Academias. E esse olhar permite identificar possibilidade de resolver problemas da sociedade, de dar resposta locais, nacionais ou europeus. E quando nós estamos a resolver problemas, a maior parte das vezes, eles têm valor económico, porque se há uma necessidade há um valor económico. É uma validação da qualidade daquilo que está a ser feito. Nós temos de conseguir melhorar os mecanismos que permitem essa aproximação entre aquilo que é feito no sistema científico e tecnológico e aquilo que são as necessidades da nossa sociedade e da nossa economia.

E por isso, estamos totalmente comprometidos com a criação das condições, em criar o contexto institucional que permitirá às instituições com as suas estratégias, que tendo um contexto institucional, e aqui sim, temos de trabalhar muito, poderá concretizar os objetivos que já enunciei.

Estou certo de que este Encontro será frutuoso para esta discussão.

Desejo-vos uma excelente e muito criativa jornada.